

Estados Unidos: A resistência à vacinação na era da pós-verdade

Ana Luísa Vitali

"I want to be crystal clear about what's happening in the country today: We have a pandemic of the unvaccinated."

(Joe Biden, 2021)

Após mais de 500 dias desde a declaração da pandemia do novo coronavírus pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e 4.5 milhões de mortes, o ano de 2021 trouxe uma relativa esperança: o início da vacinação em escala global. Como já era esperado, os Estados Unidos foram o grande caso de sucesso em aplicações e, em março deste ano, o país chegou a administrar 3 milhões de doses diariamente. Apesar do grande avanço inicial, a campanha de imunização está estagnada e há uma grande culpada para o fenômeno: a disseminação de notícias falsas sobre as vacinas, seus efeitos e a própria natureza da COVID-19.

De acordo com especialistas, além das teorias conspiratórias criadas pelas *fake news*, há outras razões pelas quais os norte-americanos não estão se vacinando: falta de acesso às vacinas, recusa em ver a doença como uma ameaça, preocupação com os efeitos colaterais das vacinas, e pouca confiança nas vacinas ou nas instituições por trás delas (LOPEZ, 2021). Como muitas dessas razões se sobrepõem — por exemplo, um indivíduo pode confiar pouco na eficácia de uma vacina por conta de uma informação falsa — esta análise busca investigar os efeitos da mídia na vacinação contra o coronavírus durante a era da pós-verdade e discutir as possíveis ações que líderes de Estado devem tomar diante disso.

As teorias conspiratórias em torno das vacinas não são novas, contudo, cresceram muito frente ao desenvolvimento em tempo recorde do imunizante contra a COVID-19. Pelo menos metade das pessoas que dizem que não serão vacinadas acredita em, no mínimo,

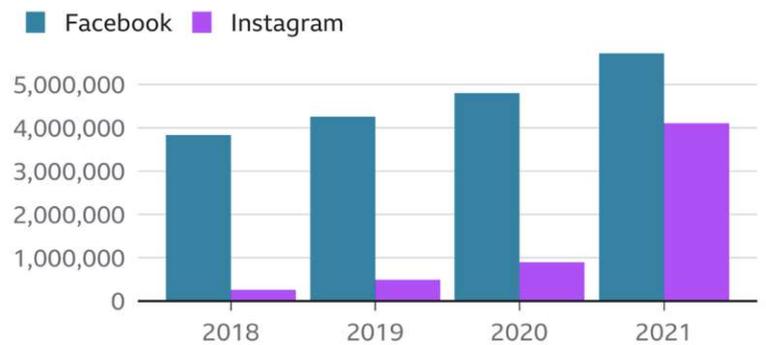
uma teoria da conspiração relacionada aos efeitos da vacina — desde *microchips* até autismo e infertilidade —, de acordo com uma pesquisa feita pela YouGov (FRANKOVIC, 2021).

No Facebook, as principais páginas antivacinação cresceram 19% em 2020 e os seguidores de contas do Twitter que compartilham reivindicações antivacinas quase triplicaram. O aumento veio, claramente, junto com o crescimento geral da quantidade de pessoas que buscam virtualmente informações sobre saúde devido à pandemia. Apesar disso, os números brutos ainda significam que as falsas alegações antivacinas estão alcançando milhões a mais do que previamente (SPRING, 2021).

Figura 1: Crescimento de contas anti vacina em mídias sociais

Growth in anti-vaccination social media accounts

Number of page likes or followers on first day of each year for selected anti-vaccination accounts



Source: Crowdtangle

BBC

Fonte: Crowdtangle (2021)

Ainda, é importante saber quem é esse público, para que os governos possam atuar em campanhas para reverter a situação. De acordo com matéria do New York Times, não há uma única resposta, mas é possível enxergar diversos padrões. Por exemplo, no grupo de pessoas que definitivamente não irão se vacinar, há uma mistura de indivíduos, mas eles tendem a ser desproporcionalmente brancos (70%), viver em áreas rurais, serem cristãos evangélicos e se identificar politicamente como conservadores – 67% se consideram republicanos (BOSMAN et al, 2021). Ademais, quase metade (48%) desse grupo possui entre 30 e 49 anos, uma idade de pessoas ativas em redes sociais, mas talvez não tão

familiarizadas com mecanismos de checagem de veracidade de postagens, portanto mais suscetíveis às *fake news*.

Quando perguntadas a razão pela qual não se vacinaram, a mesma pesquisa atestou que 53% estão preocupadas com efeitos colaterais, 37% não confiam em vacinas, 27% não confiam no governo e 26% não acham que precisam se vacinar, seja porque não veem o coronavírus como uma ameaça, seja porque acreditam ser saudáveis o suficiente para lutar contra a doença. Desse modo, é possível perceber como as campanhas de desinformação na internet influenciam nestes números, visto que essa desconfiança é alimentada pelas teorias conspiratórias – de qualquer magnitude que sejam.

É interessante analisar que a pesquisa não levou em consideração o gênero dos participantes. Assim como Cassesse, Farhar e Miller (2020) apontaram, há pouca atenção para o impacto do gênero como variável relacionada ao conspiracionismo. Após coleta de dados, concluíram que as informações coletadas indicam que as mulheres são menos propensas a acreditar nessas teorias. Apesar de as autoras não terem abordado as razões para esta discrepância, ainda é relevante considerar o gênero como variável ao falar da campanha de vacinação: em junho de 2021, a diferença entre homens e mulheres que haviam tomado a vacina nos Estados Unidos era de 9.5 milhões (PUZIO, 2021).

Diante de tantas pessoas que se recusam a se vacinar, surge a questão: a imunização deveria ser obrigatória? O tópico está em debate desde a aprovação das primeiras vacinas, mas vem ficando mais forte frente à atual estagnação em algumas campanhas, principalmente nos Estados Unidos. A questão é que vacinas sempre foram obrigatórias: sarampo, tétano e poliomielite são obrigatórias em 105 dos 193 países no mundo. A maioria dos países que exigem vacinas impõem uma ou mais penalidades contra os indivíduos que não as cumprem, sendo mais comuns as educacionais e financeiras (AWAN et al., 2020).

Assim, apesar de muitas críticas, vários países estão optando pela criação de "passaportes de vacina" e outras restrições para entradas em locais públicos e eventos. Já é necessário provar a vacinação de doenças como febre amarela para entrada em territórios

internacionais, mas como a imunização contra o coronavírus é mais recente, muitos governos ainda não implementaram tal programa. Um entrevistado pelo NYT disse que é contrário à medida, pois "a principal tarefa do governo dos Estados Unidos é me proteger de inimigos estrangeiros e domésticos. Não minha saúde. Eu estou no comando da minha saúde." (BOSMAN et al., 2021).

Dessa forma, é necessário discutir a obrigação ética e moral de se vacinar. Em um estudo de 2018, prévio à pandemia, um grupo de autores já abordava a questão. Eles analisaram que a "imunidade de rebanho" é um bem coletivo e público — essa só pode ser produzida por meio da cooperação de um alto número de pessoas e não é excludente e nem rival (DOUGLAS; GIUBILINI; SAVULESCU, 2018). Isso porque não é possível que alguém, mesmo não vacinado, deixe de ser protegido pelos efeitos da imunização coletiva e nem é possível excluir alguém desse cenário benéfico de alguma maneira. Por fim, a imunidade de rebanho também não é rival, no sentido de que qualquer um que se beneficie dela não reduz a extensão em que os outros também podem se beneficiar (ibid., 2018).

Ademais, quando se apresenta a obrigação moral de se vacinar, trata-se de pessoas que, por alguma razão, estão impedidas de se imunizar. Isso acontece, por exemplo, com pessoas muito jovens — atualmente a vacina contra a COVID-19 não está sendo administrada para pessoas com menos de 12 anos —, pessoas imunossuprimidas ou alérgicas a algum componente da vacina. Portanto, é trabalho de quem tem capacidade de se vacinar que o faça.

Isso posto, é simples perceber que os argumentos de que o Estado não pode interferir na integridade física do indivíduo são falhos. Uma democracia pressupõe não apenas direitos, mas deveres — tanto para os cidadãos quanto para os líderes. Um dos deveres dos líderes é proteger sua população, e, portanto, ninguém tem o direito de entrar em uma sala de aula lotada ou local de trabalho sem máscara e não vacinado, colocando outras pessoas em risco. A vacinação obrigatória não discrimina de forma antiética, é simplesmente uma ferramenta que se aplica igualmente a todos.

No caso dos Estados Unidos, as vacinações obrigatórias são relativamente comuns: os estados possuem a autoridade constitucional de poder obrigar a imunização. Contudo, o governo federal está mais limitado, podendo apenas realizar tal ação se o objetivo for prevenir a transmissão de uma doença infecciosa perigosa por meio das fronteiras estaduais ou internacionais – exatamente o caso do coronavírus (GOSTIN, 2021). Porém, a pandemia foi politizada de uma maneira jamais vista. Em outros casos, como Zika, Ebola ou Influenza, os estados buscaram incentivar questões sanitárias e, hoje, vários estão fazendo o oposto, tentando impedir que a vacinação avance.

Mesmo assim, o presidente Joe Biden anunciou em setembro que tornará obrigatória a vacinação em alguns setores, principalmente dentro do governo federal, em uma tentativa de controlar a disseminação do coronavírus no país. Funcionários federais e contratados do governo federal terão que se vacinar, e as regras para trabalhadores da saúde também estão mais rígidas. Ademais, o exército americano também não poderá optar pela vacinação, o que fará as porcentagens aumentarem um pouco, mas não o suficiente para a cobertura vacinal desejada (MENDEZ, 2021).

A esperança, talvez, esteja no setor privado. O setor tem ampla liberdade de ação na definição de condições para trabalhadores e clientes e as empresas têm o dever legal e ético de manter a segurança do local de trabalho. Desse modo, muitas pessoas podem acabar sendo obrigadas a se vacinar não por conta do governo, mas por esforços das empresas. Seja para trabalhar ou entrar em um restaurante, o setor privado provavelmente fará o que os líderes têm medo de fazer: obrigar a vacinação, a despeito das críticas dos conspiracionistas.

O fato é que os Estados Unidos possuem um longo caminho a percorrer. No Brasil, mesmo com diversos atrasos, recusas de compra de campanha e uma rede de informações falsas sendo mantida diariamente pelo próprio presidente, o percentual de adultos vacinados (com ao menos uma dose) é maior do que o americano e previsões dizem que provavelmente o número de pessoas completamente vacinadas será superado em breve,

mesmo em comparação com a nação mais rica do mundo, que hoje possui excedente de doses (FERNANDES, 2021).

Por fim, o exemplo do país norte-americano durante a pandemia lembra que é necessário pensarmos a relação entre as mídias sociais durante a era da pós-verdade. Não só o conhecimento científico tem perdido valor, como há uma aparente necessidade de saber de tudo, já que tantas informações são acessadas na ponta dos dedos. Desse modo, criou-se uma geração de pessoas que pode ser muito prejudicial ao futuro da sociedade, não só negando tragédias mundiais como a COVID-19, mas outros fenômenos relevantes, como as mudanças climáticas. A questão se mantém: até onde os líderes deixaram a desinformação chegar sem agir?

Referências

AWAN, F. A.; BASTA, N. E.; BECKER, A.; GRAVAGNA, K.; MOHAMMED, I.; TAMBE, S.; TOOMEY, T. L.; VALERIS-CHACIN, R. Global assessment of national mandatory vaccination policies and consequences of non-compliance. **Vaccine**, v. 38, n. 49, p. 7865-7873, 2020.

BOSMAN, J.; HOFFMAN, J.; SANGER-KATZ, M.; ARANGO, T. Who Are the Unvaccinated in America? There's No One Answer. **The New York Times**, 31 jul. 2021. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2021/07/31/us/virus-unvaccinated-americans.html>. Acesso em: 24 ago. 2021.

CASSESE, E. C.; FARHART, C. E.; MILLER, J. M. Gender Differences in COVID-19 Conspiracy Theory Beliefs. **Politics & Gender**, v. 16, n. 4, p. 1009–1018, 2020.

DOUGLAS, T.; GIUBILINI, A.; SAVULESCU, J. The moral obligation to be vaccinated: utilitarianism, contractualism, and collective easy rescue. **Medicine, Health Care and Philosophy**, v. 21, n. 4, p. 547–560, 2018.

FERNANDES, A. Covid-19: Brasil deve imunizar 100% da população adulta primeiro que os EUA. **Correio Braziliense**, 23 ago. 2021. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/brasil/2021/08/4945310-covid-19-brasil-deve-imunizar-100-da-populacao-adulta-primeiro-que-os-eua.html>. Acesso em: 24 ago. 2021.

FRANKOVIC, K. Vaccine rejectors believe the vaccines were not adequately tested and can cause infertility. **YouGov**, 14 mai. 2021. Disponível em: <https://today.yougov.com/topics/politics/articles-reports/2021/05/14/vaccine-rejectors-believe-vaccines-not-tested>. Acesso em: 24 ago. 2021.

GOSTIN, L. O. Vaccine Mandates Are Lawful, Effective and Based on Rock-Solid Science. **Scientific American**, 5 ago. 2021. Disponível em: <https://www.scientificamerican.com/article/vaccine-mandates-are-lawful-effective-and-based-on-rock-solid-science/>. Acesso em: 24 ago. 2021.

LOPEZ, G. The 6 reasons Americans aren't getting vaccinated. **Vox**, 2 jun. 2021. Disponível em: <https://www.vox.com/2021/6/2/22463223/covid-19-vaccine-hesitancy-reasons-why>. Acesso em: 24 ago. 2021.

MENDEZ, R. What you need to know about President Joe Biden's new Covid vaccine mandates. **CNBC**, 10 set. 2021. Disponível em: <https://www.cnn.com/2021/09/10/what-you-need-to-know-about-president-joe-bidens-new-vaccine-mandates.html>. Acesso em: 15 set. 2021.

PUZIO, A. Why Is There Such A Gender Gap In COVID-19 Vaccination Rates?. **FiveThirtyEight**, 22 jun. 2021. Disponível em: <https://fivethirtyeight.com/features/why-is-there-such-a-gender-gap-in-covid-19-vaccination-rates/>. Acesso em: 24 ago. 2021.

SPRING, Marianna. Covid-19: How did a volunteer panel react when we showed them an anti-vax video? **BBC News**, 14 fev. 2021. BBC Trending Disponível em: <https://www.bbc.com/news/blogs-trending-56047409>. Acesso em: 24 ago. 2021.